

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

Universidade Federal de Uberlândia
Centro de Ciências Humanas e Artes
Departamento de História
Curso de História
Disciplina: História do Brasil VII
Professora: Rosângela Patriota
Aluna: Marta Ribeiro da Silva

Monografia:

"D. Olívia: mulher, idosa e feliz"

LABORATÓRIO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA - UFU	
N.º	~~123456789~~
Data	23/11/93

0888-D OLIVIA MULHER IDOSA E FELIZ
Autor: SILVA, MARTA RIBEIRO DA
Id.: \\\\\\\\\\\\\\\\
Instit.: UFU
UBERLÂNDIA

MG

S.8.6

"D. Olívia: mulher, idosa e feliz"

I Parte - Memória Pessoal

"À medida que envelhecemos
o mundo se torna mais estranho, os padrões
mais complicados
de mortos e vivos. Não o momento
intenso
isolado, sem antes nem depois
mas o período de uma vida ardendo
em cada momento.
E não só a vida de um homem,
mas de velhas pedras que não podem ser decifradas".

(T. S. Eliot, East Coker)

Até que ponto é possível ser feliz na sociedade capitalista, principalmente quando se é mulher e idosa?

Referemo-nos de um modo especial à sociedade capitalista, porque é a sociedade que conhecemos, é a sociedade em que vivemos e, a discriminação contra a mulher e o idoso, é uma coisa patente nessa sociedade.

De acordo com o autor João A. Barbosa *, "Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o velho são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades - traduções do dilaceramento e da culpa. Mas a mulher, a criança e o velho não são classes: são antes aspectos diversificados e embutidos por entre as classes sociais".

* Prefácio do livro - "Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos - Bosi, Ecléa, EDUSP, 2ª edição, S. Paulo, 1987.

Entretanto, não obstante ter nascido mulher, numa sociedade de capitalista, de ter sido duplamente discriminada: como militante feminina e comunista, de haver se tornado idosa nessa sociedade; apesar de tudo isso, ou, talvez por tudo isso, D. Olívia, contrariando a muitas expectativas, escolheu ser feliz.

O que move essa mulher surpreendente, é um sonho de toda uma vida; um projeto que ela ainda tem esperança de ver realizado no mundo: a implantação da Sociedade Socialista.

D. Olívia tomou contato com o comunismo bastante jovem, tinha menos de vinte anos (atualmente, tem quase 80) e, imediatamente, se identificou com as teorias marxistas, porque via muita relação com o próprio sofrimento e também, porque achava respostas para muitas de suas indagações acerca das desigualdades existentes no mundo. Segundo a própria D. Olívia, "os livros 'falavam' que era para desaparecer a pobreza, prá ter igualdade de direitos, nivelar as rendas; porque Marx explicava, 'que tinha de acabar com a exploração do homem pelo homem', né?".

Influenciada por essas leituras e pela Juventude Comunista Uberlandense, D. Olívia ingressa no PCB. Alguns anos mais tarde, funda, juntamente com outras mulheres, a "Organização Feminina Uberlandense", a popular "União Feminina". Essa organização teve uma atuação bastante expressiva nos anos 40 e meados dos anos 50. (Foi extinta em 57).

Atualmente, D. Olívia está afastada da militância partidária, já que, com a extinção do PCB, ela tenha recusado a filiar-se ao PPS. Mas, mantém fidelidade aos princípios do comunismo, e às etapas da teoria marxista. Ela acredita que, "o capitalismo gera pelas suas próprias contradições, o "germe" do socialismo". (Etapa final na teoria marxista).

Esta é uma concepção teleológica da história, sem dúvida, porque, não há como negar o valor da teoria marxista, entretanto, muita coisa mudou, e o capitalismo tomou rumos que Marx certamente, jamais imaginou, ao elaborar sua teoria. Desse modo, o sonho dos comunistas de "derrubar" o capitalismo, ou, vê-lo "ruir" pelas suas próprias contradições para que, em seu lugar, seja instaurada a so-

cidade socialista, nunca pareceu mais distante do que nos nossos dias...

E o mais interessante, é que a própria D. Olívia faz a crítica à teoria marxista, é ela que nos diz, que: "Marx elaborou uma teoria muito importante, mas foi no tempo dele; não podemos parar no tempo". É certo, que ela reconhece a temporalidade da teoria e sabe também, que surgiram outras teorias a explicar as contradições do social, enfim, ela sabe que muitas transformações ocorreram no mundo desde Marx e, que sua teoria, embora seja importante, já não basta; não é mais suficiente. Contudo, mesmo sabendo de tudo isto, D. Olívia se mantém "presa" aos princípios da teoria comunista. Utopia? Talvez. Mas é a sua verdade, o seu ideal; numa palavra, é a sua vida. Parafraseando Marilena Chauí ao falar sobre a obra de Ecléa Bosi, poderíamos dizer: "Aqui vocês nada podem tocar e nada podem destruir".*

Conforme dizíamos, o capitalismo se "modernizou", adquiriu "novas roupagens", porque se modificaram as práticas de resistência dos operários; houve necessidade de se renovar as táticas para "quebrar" a resistência do trabalhador; isso não aconteceu à toa. Assim, às práticas ostensivas de disciplinarização e controle do trabalhador, sobrepujaram-se outras, bem mais sutis, mas cujos objetivos, são os mesmos daquelas.

Uma prova do que foi dito acima, são os "momentos de lazer", inventados recentemente pelos capitalistas, que consistem em jogos e brincadeiras no horário de expediente, visando motivar funcionários e, melhorar a qualidade do trabalho dos mesmos. Essas experiências coletivas divertidas, que podem se constituir numa performance teatral, num karaokê, por exemplo, fazem parte de uma filosofia de melhoria de incentivos de funcionários, que chega ao Brasil, após fazer sucesso no Japão e Estados Unidos e, já tem adeptos como: a Siemens do Brasil, a Ticket Restaurants e a IBM.**

* CHAUÍ, Marilena - "Trabalhos da memória" - Apresentação ao livro Memória e Sociedade: Lembranças de velhos - p. 19 - Citação de Virgínia Wolf.

** Reportagem: "Alívio no expediente", in: Revista VEJA - Edição 1262 - ano 25, nº47 - 18/11/92, ps. 74/75.

O autor Mário Sérgio Salerno trabalha com essa questão das novas formas de controle do trabalhador. Em seu texto, "Produção, Trabalho e participação: CCQ e KANBAN numa nova imigração japonesa", ele fala, por exemplo, nos métodos C.C.Q. (Círculos de Controle de qualidade) e KANBAN ("just in time" - controle do tempo), e que, consistem em fazer os operários se interessarem mais pelos problemas da fábrica, descobrir e sanar possíveis defeitos nas máquinas, melhorar a própria produtividade, enfim; a intenção é fazê-lo se sentir "um pouco dono" da fábrica. Isto fará com que ele se preocupe mais, se sinta responsável pelo patrimônio da fábrica, naturalmente. É óbvio, que quem está lucrando com isso são os patrões.

O caso de D. Olívia é "sui generis" por muitas razões: a primeira é que, mesmo militando num partido de esquerda, ela está "amarrada" a temporalidade da classe dominante. Ela tem, por exemplo, uma leitura positiva do governo Itamar, quando diz que: "Foi uma sorte ele ter entrado lá, foi Deus que ajudou!" (sic) A segunda razão é que, não obstante ter sido sempre militante feminina (ela não se considera feminista porque, "feminista é aquela que isola a mulher do homem e eu não sou desse tipo assim"), pois bem; mesmo lutando contra "preconceitos antigos" desde muito nova, nota-se que D. Olívia, não conseguiu se livrar de muitas práticas morais, apreendidas pela classe dominante... há uma certa contradição em suas palavras, que faz com que, a militante feminina, combativa, apareça sempre, anulando em contrapartida, a figura da mulher; é como se D. Olívia tivesse propositalmente, "apagado" uma parte essencial de sua vida, para se dedicar integralmente, às outras.

Mas, para além de qualquer crítica, até nisso é preciso indagarmos: o que é, afinal de contas, ser mulher? É possível que estejamos, suficientemente "impregnados da essência" do capitalismo, que não admite a mulher sem o homem, não reconhece seu valor enquanto indivíduo dotado da mesma capacidade de raciocínio do homem. Simone de Beauvoir, em "O Segundo Sexo", nos diz que, "a história mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos se estabeleceram contra

ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como outro".* Ou seja, "a mulher não produziu, pelo menos como protagonista, nenhuma civilização. Seu papel sempre foi caudatário da palavra do homem. Sua linguagem só é aceita enquanto subordinada aos códigos de vida e comunicação estabelecidos pelo homem". (contracapa do livro de S. B.).

Entretanto, esse trabalho, além de ser uma análise sobre a condição da mulher, é também, uma análise sobre a memória social. Por isso, resgatamos através da história de D. Olívia, um pouco da história do movimento emancipatório feminino em Uberlândia, em meados deste século. Falaremos um pouco também sobre a Revolução de 30 que é, notavelmente, um marco na vida de D. Olívia; falaremos enfim, do que é ser velho na nossa sociedade.

* BEAUVOIR, Simone de. "O Segundo Sexo" - 1 - Fatos e Mitos", Editora Nova Fronteira, R.J., 1980, p. 179.

II Parte - Memória Social

"O dom de despertar no passado as centelhas da esperança, é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer".

(W. Benjamin - "Sobre o conceito de história")

Carlos A. Vesentini em, "A teia do fato"* suscita um questionamento muito importante sobre o trabalho do historiador quando interroga, "com que critério um historiador fala das lutas e agentes de uma época que não é sua? A interrogação ganha amplitude quando lembramos que essa época ainda projeta sua força, suas categorias sobre o presente e sobre quem a historia".

É importante frisarmos, que esse trabalho não tem a preocupação de aprofundar um estudo sobre 30, nem sobre qualquer outro fato que abranja a memória social. A nossa preocupação é despertar quando muito, uma reflexão acerca de um tema que, a nosso ver, tem sido muito relegado no âmbito das pesquisas: a velhice. Pelo menos, se existem pesquisas, muito pouco, ou nada, de concreto, se tem feito pelos velhos. É preciso que nos indaguemos: o que a nossa sociedade fez dos nossos velhos? o que nós fizemos, e mais importante, o que deixamos de fazer pelos nossos velhos?

De acordo com a autora Ecléa Bosi, "Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social. Tem um estatuto contingente, pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. A sociedade industrial é maléfica para a velhice". (p. 35).

* VESENTINI, Carlos A. Apresentação da Tese de doutorado (datilografada), defendida no Dpto. de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da U.S.P., em 1982.

E é tanto mais impiedosa, porque impede o velho de viver com dignidade. A nossa sociedade não é preparada para aceitar o velho. Ainda segundo Ecléa Bosi, "a degradação senil começa prematuramente com a degradação da pessoa que trabalha. Esta sociedade pragmática não desvaloriza somente o operário, mas todo trabalhador: o médico, o professor, o esportista, o ator, o jornalista". (p. 38)

Desta forma, a sociedade que lhe sugou a vida inteira todas as suas forças, subtrai-lhe até mesmo, a última coisa que lhe resta: envelhecer com dignidade.

Contudo, isso não ocorre com D. Olívia. Nota-se, que ela envelheceu com dignidade. Está aposentada atualmente, mas é uma pessoa ativa: participa de debates, mesas redondas, palestras, etc. sempre discutindo os problemas da mulher, do idoso, do social, enfim. Em relação ao círculo familiar, ela, ao contrário de muitos idosos, tem seu próprio espaço, é ouvida, respeitada e toma suas próprias decisões, resolve os "próprios negócios", como faz questão de afirmar, até hoje. Como já foi dito, seu caso é "sui generis"; por esta razão também. É bem provável, que o fato de ser solteira, não ter filhos e, mais importante, ter sua própria casa, contribua para isso, já que, na maioria das vezes, é o cônjuge e os filhos que determinam os rumos da vida do idoso.

D. Olívia tem muitos irmãos e sobrinhos, mas prefere manter sua independência e morar sozinha, alegando que, "não daria certo; eu poderia atrapalhar o ritmo da vida deles, e eles, o da minha". É uma decisão sábia, sem dúvida, porque, como ainda nos diz Ecléa Bosi, "veja-se no interior das famílias a cumplicidade dos adultos em manejar os velhos, em imobilizá-los com cuidados para "seu próprio bem".(...) (p. 36)

Entretanto, D. Olívia sente "o peso da idade", o declínio físico, como toda pessoa idosa. Sofre de osterosporose e tem que diminuir, progressivamente, o ritmo de suas atividades. Mas não perdeu o gosto de viver e de "aprender", como sempre diz; não perdeu enfim, o interesse pela vida. Comenta entusiasmada, das palestras que participa, do que já fez e do que gostaria de fazer ainda: "eu só lamento não ter uns 30 anos menos, gostaria de fazer tanta coisa... ainda .

sinto tanta disposição para trabalhar! As idéias estão boas, o corpo é que "não ajuda"; e comenta resignada: "fazer o que, né?" Faz- nos lembrar Simone de Beauvoir descrevendo o declínio físico de Sartre em "Cerimônia do adeus": "É terrível, esse corpo que nos deserta , quando a cabeça está ainda sólida". (p. 127)

D. Olívia não se considera velha, absolutamente. "Idosa sim, velha não". (Não gosta inclusive, de ser chamada de vó). Para ela, "velhice é um estado de espírito. Pode-se ficar velho aos 30, aos 40, porque as idéias não funcionam mais; a pessoa está esclerosada. Em compensação, a pessoa pode ser jovem aos 80, não é?" (Ela diz isso, com conhecimento de causa, certamente). D. Olívia nos fala, sobre os seus planos de formar "um grupo de estudos, sobre diversos assuntos", mas se queixa, que "as pessoas andam muito ocupadas , não tem tempo prá essas coisas, não é?" Isso é uma coisa surpreendente, é preciso reconhecermos; principalmente se levarmos em conta, o fato de que se trata de uma pessoa quase octogenária! Mais uma vez , evocamos Simone de Beauvoir, ao falar sobre o entusiasmo de Sartre , ao visitar a região do oriente médio, sofrendo já, uma grave deficiência visual: "Sartre estava encantado. Sentia prazer em agir, em informar-se e, na medida em que seus olhos lhe permitiam, em ver o país. Se a velhice é como dizem alguns, a perda de curiosidade, então ele absolutamente não estava velho". (p. 150)

D. Olívia tem uma memória prodigiosa e a Revolução de 30 , bem como o governo Vargas, representou um marco histórico muito forte para ela; assim como para outras pessoas de sua geração, e até mesmo, de gerações posteriores. E é em relação a esse assunto, que evidencia-se uma contradição patente na fala de D. Olívia, pois, embora tenha sempre militado no Partido Comunista, presenciado e mais, sofrido na "própria pele", a perseguição do Estado, ela foi (e é) , uma defensora indisfarçada do governo Vargas. Quando perguntamos a ela, qual a sua opinião acerca "desse Vargas que pouca gente conhece", esse que não é falado pela história oficial, que mandou prender, torturar, matar, que mandou inclusive, deportar Olga Prestes , esposa do líder comunista, Luíz Carlos Prestes, pois bem; quando interpelada sobre esse assunto, preferiu esquivar-se de uma resposta

direta e nos disse: "Ah! Mas Getúlio teve aquele lado bom, que era progressista, isso não pode ser negado; ele foi muito bom para o país".

É possível percebermos nas palavras de D. Olívia, uma forte influência da ideologia da classe dominante. Ela reconhece, que "ele perseguia os partidos políticos, principalmente o partido comunista, que prendeu muita gente e matou muita gente", mas que "a gente precisa encarar isso aí com frieza, e analisar a história como ela aconteceu; não pode ter paixão".(...)

Além da imagem idealizada de Getúlio, D. Olívia absorveu também, um outro dado veiculado pela classe dominante: a anulação da luta dos trabalhadores. Quando insistimos com ela, que "fala-se muito no que Getúlio fez, e o que está por trás disso?" Ele não fez isso sozinho. A história não fala, por exemplo, na luta dos trabalhadores. Novamente, ela preferiu esquivar-se de uma resposta direta: "Bom, Getúlio não fez isso sozinho mesmo. Agora ele era representante de grupos econômicos, então "eles" trouxeram para o Brasil, as leis trabalhistas; todas as leis trabalhistas foram colocadas naquela época! Ela não faz a menor referência à luta dos trabalhadores; atribui a conquista dos direitos trabalhistas ao Estado e, quando muito, à classe empresarial.

É preciso levarmos em conta, o momento histórico da pessoa, seu contexto de vida, é claro. Mas forçoso se faz, perguntarmos aqui, até que ponto a militância partidária contribuiu para sua emancipação, e até que ponto contribui para que ela perpetuasse uma prática conservadora? D. Olívia é uma pessoa de sua geração, isso é inegável; e, como grande parte dos idosos, ao recordar fatos passados, acaba muitas vezes, reforçando os conceitos passados pela classe dominante. Marilena Chauí, ao se referir a alguns recordadores do livro de Ecléia Bosi, diz que "restauram os esteriótipos oficiais, necessários à sobrevivência da ideologia da classe dominante. Dessa maneira, as lembranças pessoais e grupais são invadidas por outra "história", por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência e a verdade".(p. 19)

É ainda Marilena Chauí, que nos diz, que "a memória não é

oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido a monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos". (p. 19)

"E esse inimigo não tem cessado de vencer".

III Parte - Militância Feminina

"Eu gosto de ser mulher
sonhar até de amor
desde que sou uma menina,
de ser feliz ou sofrer
por quem me faça calor
este querer me ilumina..."

(Maria Bethânia - "O lado quente do
ser")

Em relação a militância feminina, acreditamos que ela haja ocorrido, muito mais em função da militância partidária, do que propriamente pela conscientização dos problemas femininos. E isto é tanto verdade, que no início da entrevista, quando perguntamos a D. Olívia a respeito desse assunto, ela nos respondeu que, "isso vem assim... de família", que os pais, embora não pertencessem a nenhum partido político, "eram políticos; gostavam de política". O que não responde necessariamente, a nossa pergunta; D. Olívia não nos disse, se no ambiente familiar, os problemas femininos eram discutidos, se a posição da mulher era questionada. Tudo leva a crer que não.

D. Olívia, conforme já dissemos, foi uma das fundadoras da "ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA", a popular "União Feminina", em 1945, quando terminou a II Guerra Mundial. Inclusive; um dos pontos mais frizados pela integrante da União, era a luta pela paz. D. Olívia é muito enfática nesse ponto: "Em toda a vida fui contra a guerra, porque eu acho que ela é muito prejudicial para a humanidade". Para a humanidade, provavelmente sim; mas não para os interesses do capital, certamente. A própria D. Olívia reconhece isso. A respeito ainda da guerra, em "Rosa, a vermelha", vemos a seguinte descrição:

"E a carne do canhão que subiu nos trens em agosto e setembro apodrece nos campos de batalha da Bélgica e dos vosgos enquanto

os lucros crescem como joio entre os mortos. Os negócios florescem sobre as ruínas. As cidades se transformam em escombros, países inteiros em mendigos, igrejas em estábulos".* (p. 52)

Além de defenderem a paz, as mulheres da Organização lutavam também, "pela auto-determinação dos países, o direito de cada país fazer o que bem quizesse, de gerir as suas próprias riquezas ; luta pelos nossos minérios, pelo petróleo, etc...

É possível denotarmos nas palavras de D. Olívia, um sentimento nacionalista muito forte e uma identificação dos objetivos da Organização, com os objetivos da III Internacional Comunista. Estava acontecendo aqui no Brasil, uma campanha nacionalista muito forte, desencadeada por Monteiro Lobato, em defesa do petróleo brasileiro. O escritor é, aliás, uma figura marcante nas memórias de D. Olívia. Novamente a aproximação com o discurso veiculado pela classe dominante, afinal; Lobato foi quem introduziu os princípios do Taylorismo e do Fordismo no Brasil. Através de sua famosa cartilha "Jeca Tatu", amplamente distribuída em todo território nacional, o escritor dissemina as práticas disciplinadoras da classe dominante, dizendo que o caboclo deveria plantar, como deveria plantar, como deveria viver, enfim; é uma tentativa de "higienizar o país, de torná-lo mais habitável".**

A "Organização" foi fundada em meados de 45, ocasião em que D. Olívia ingressou também, no Partido Comunista. Portanto, a atuação da "Organização" estava diretamente relacionada, à atuação do Partido. Isso está patente nas palavras de D. Olívia, quando ela nos diz que, "em 45 eu entrei para o PC, e aí, lendo os estatutos do Partido, vi que ele era responsável por organizar o povo: Foi aí que resolvemos organizar as mulheres e os operários, porque já estava formando ambiente para a Organização; aí, nós fundamos a Organização. N. B.: Na verdade, a militância partidária antecedeu a militância feminina.

* GUIMARÃES, Juarez R. (Organização) - "Rosa, a vermelha - Vida e Obra da mulher que marcou a história da revol. no séc. XIX". Editora Buscavida, col. Sempre Viva, vol. 1, São Paulo, 1987.

** LOBATO, Monteiro.

Nota-se, que D. Olívia, foi fortemente influenciada pela teoria marxista/leninista, pois a idéia de que "o Partido deve ser a vanguarda" do proletariado", advém dessa teoria. Em "Manifesto do Partido Comunista", Marx e Engels conclamam:

"Proletários do mundo inteiro, uni-vos!"

Além de defender interesses políticos dos países, a Organização defendia ainda, os problemas das mulheres, das crianças, dos velhos; dedicava-se também, a realização de atividades tipicamente caseiras como: o ensino de corte/costura, pintura, bordado, culinária, etc...; angariavam gêneros alimentícios, roupas, sapatos usados e brinquedos, para distribuírem a pessoas carentes da cidade. D. Olívia comenta com carinho sobre essas atividades: "você precisava ver que beleza que era, como as pessoas ficavam agradecidas! Era bonito aquilo, sabe?"

Nas atividades da "União Feminina", constava ainda, a realização de atividades lúdicas como: promover peças de teatro, festas, jogos, danças; como nos disse D. Olívia: "Naquele tempo a juventude não tinha muito o que fazer, não era como hoje". Além dessas atividades, havia na "Organização" um fichário com a finalidade de atendimento médico-odontológico.

As mulheres da "Organização" trabalhavam em conjunto com as representantes de bairro, e a luta pela melhoria da infraestrutura nos bairros, construção de feiras-livres, escolas, creches e outras coisas, eram uma constante nas reivindicações delas. Aliás, D. Olívia fez questão de frizar que, "fomos nós que construímos a 1ª creche em Uberlândia. Hoje eu vejo a televisão dizer que foi a Prefeitura. Mas a 1ª fomos nós, que construímos; nós fomos as pioneiras".

Como pudemos observar, é possível que as mulheres desse momento histórico possuam mais uma concepção humanitária, que propriamente revolucionária da realidade; suas preocupações eram muito mais de caráter reformador, que transformador da sociedade capitalista.

A organização não tinha um caráter classista, já que congrega mulheres de todos os segmentos e de todas as tendências; D. Olívia ressalta que: "O estatuto não estabelece religião nem partido

político. É um movimento político, mas não partidário, pois objetiva atender e defender os interesses das mulheres em geral".

D. Olívia não discute a divisão das tarefas, no espaço doméstico. Ela nos diz, que o "direito gostoso de tomar conta de casa é do homem também; não tem nada de mais ele ir para a beira de um fogão, por exemplo". Entretanto, ela argumenta, que "parece que mulher 'dá mais' prá essas coisas". Ou seja, ao homem é facultado, o direito, mas ao que parece, o dever de gerir, de administrar uma casa, continua sendo da mulher.

As mulheres da "Organização" não se "acastelavam", ao contrário; elas eram solidárias com os homens. Um exemplo disso, foi o apoio oferecido por elas, na "greve dos choferes. Além disso, como D. Olívia deixa bem claro que, "nós não lutávamos contra os homens, mas contra preconceitos antigos. A nossa intenção era lutar ao lado deles, 'ombro a ombro'. Como é que nós podíamos lutar contra os homens? Os homens são nossos pais, nossos irmãos, nossos maridos, nossos cunhados, etc... quer dizer, não podíamos, né?"

Em relação à posição de homens e mulheres no social, D. Olívia diz, que "nenhum é melhor do que o outro: nem o homem vale mais do que a mulher, nem a mulher vale mais do que o homem. Não é bom querer ser mais do que o outro, humilhar; o bom é a compreensão! Contudo, D. Olívia deixa implícita a idéia de que o homem é afinal, "o cabeça do casal", quando nos diz, que "alguns homens se casam pensando que vão ser "o mandante" do lar; ele é o comandante. É diferente."

D. Olívia não fala muito sobre o machismo, e sobre a dupla discriminação que ela sofreu, enquanto militante feminina e partidária. Ela só nos disse, que "o machismo é uma coisa cristalizada na mente dos homens, e não só; de muitas mulheres também. É certo que muita coisa mudou, mas isso não vai acabando assim; da "noite pro dia", não." E continua, "quer um exemplo do que eu disse? Quando saíamos na rua num movimento, reivindicando alguma coisa, era comum ouvirmos alguém dizer: "que bando de desocupadas! Que falta do que fazer!" E não era só homem que dizia; mulher também!" (Risos)

Para D. Olívia, os problemas da mulher estão diretamente

relacionados ao capitalismo. Quando colocamos em questão, o caso da mulher gestante que é encarada como um problema, e às vezes, até despedida, ela nos disse: "Isso acontece porque estamos numa sociedade capitalista. Porque você veja que ela está 'realizando' uma coisa importante: vai dar ao mundo, um ser, e o patrão ainda tem coragem de fazer isso; mandar ela embora..." D. Olívia acredita, que o que está errado é o sistema, não as pessoas; e é contra isso que as mulheres têm que lutar: "as mulheres precisam lutar contra as pessoas; os capitalistas." Ou seja, é evidente que isso está um pouco confuso na cabeça de D. Olívia. Dir-se-ia, que ela considera o capitalismo, como se fosse uma entidade a parte; formado à revelia dos capitalistas.

D. Olívia considera o problema a mulher, um problema social, que "está tendo mudanças", mas muita coisa ainda precisa ser mudada; os direitos da mulher foram conquistados aos poucos, não aconteceram assim, de "uma hora para outra". Essas coisas levam tempo, demoram a acontecer. Contudo, considera que a mulher conquistou muita coisa; o direito de "ir e vir" sozinha, por exemplo: "Antigamente a mulher não saía sozinha, não tinha liberdade nenhuma para sair; só saía se fosse acompanhada do pai ou do irmão. Temia-se que ela perdesse a virgindade". Em relação à liberdade, inclusive sexual, D. Olívia nos diz que, "hoje em dia a mulher, a juventude conquistou um avanço que não pode ser mais parado; uma liberdade que não tem como ser tirada mais. A revolução sexual é um avanço social".

E, finalmente, em relação à velhice, D. Olívia considera como uma coisa natural, "um processo que faz parte da vida. Mas nem por isso a pessoa precisa ficar parada; pode se dedicar a fazer alguma coisa que goste, como: pintar quadros, aprender a tocar um instrumento". Quando dissemos a ela, que "a sociedade capitalista não está preparada para aceitar os velhos", ela respondeu: "Ah! Mas isso vai muito da pessoa também. Na minha família tem muito idoso, tá cheio de 'cabeça branca' tudo em atividade. Não foi ninguém que foi orientar eles não; eles é que quiseram continuar trabalhando. É; agora, porque a pessoa aposentou vai ficar sentado o dia inteiro 'olhando pro céu', ou vendo televisão? Deus me livre!"

Concluindo. Conforme havíamos dito anteriormente, esse trabalho é um estudo também, do que é ser velho em nossa sociedade. Segundo Ecléa Bosi, "a noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da Humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos que lutar por ele".*

Analisando o caso de D. Olívia, concluimos que é uma exceção, certamente. Mas quantos velhos estão por aí, jogados nos asilos, marginalizados pela família, pela sociedade, vilpendiados na sua condição de seres humanos! Contudo, queremos crer que "nem tudo está perdido", que existem caminhos, ou pelo menos propostas, que apontam para soluções desse problema.

No início desse trabalho propomos um questionamento: até que ponto é possível ser feliz na sociedade capitalista, principalmente quando se é mulher e idosa? A resposta quem nos dá, é a própria D. Olívia: "Eu sempre fui contra injustiça. Nunca admiti ninguém ser maltratado; seja branco, preto, velho ou novo. Eu sou da paz, gosto de acomodar as coisas e gosto desse meu jeito de ser. Eu me sinto feliz".

Bibliografia

- BEAUVOIR, Simone de. "A Cerimônia do Adeus". Tradução publicada sob licença da DIFEL - Difusão Editorial S/A, São Paulo; Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1982;
- BOSI, Ecléa. - "Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos", obra publicada em co-edição com a EDUSP - Editora da Universidade de S. Paulo, direitos reservados, T. A. Queiroz, Editor, S. Paulo, 1987, 2ª edição;
- BEAUVOIR, Simone de. "O segundo sexo - 1 - fatos e mitos"; Editora Nova Fronteira, R. J., Tradução publicada sob licença da DIFEL, S. Paulo, 1980, 5ª edição;
- CARR, E. H. "O que é História?" - Editora Paz e Terra, 5ª edição, R. J., 1987;
- GUIMARÃES, Juarez R. (organ.) - "Rosa, a vermelha - Vida e obra da mulher que marcou a história da revolução no séc. XX", Editora Busca Vida, São Paulo, 1987;
- LOBATO, Monteiro - "Cartilha - Jeca Tatuzinho"; SALERNO, Mário Sérgio - "Produção, Trabalho e participação: CCQ e KANBAN numa nova imigração japonesa" in: "Processo e relações de trabalho no Brasil" - organizadores: FLEURY, Maria T. Leme e FISHER, Rosa Maria; São Paulo, Atlas, 1987;
- VESENTINI, Carlos Alberto - "A Teia do Fato" (uma proposta de estudo sobre a memória histórica). Tese de doutoramento apresentada ao Dptº de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de S. Paulo, (Tese mimeo), 1982;
- MORAES, Fernando - "Olga" - Licença Editorial para o "círculo do livro", por cortesia da Editora Alfa-Ômega Ltda., São Paulo, 1985;
- PRESTES, Luís Carlos - "Carta aos comunistas" - Editora Alfa-Ômega, 2ª edição, S. Paulo, 1980.

Entrevista realizada no dia 24/12/92, por Marta Ribeiro da Silva, estudante do curso de História - UFU, com D. OLÍVIA CALÁBRIA, militante comunista desde a juventude, e uma das fundadoras da "ORGANIZAÇÃO FEMININA DE UBERLÂNDIA", a popular "UNIÃO FEMININA".

M.R: Nome?

O.C: Olívia Calábria

M.R: Local de nascimento?

O.C: São Paulo. Eu nasci no Ipiranga em São Paulo.

M.R: Situação civil?

O.C: Solteira.

M.R: Por opção, né?

O.C: É. (Risos)

Obs.: D.Olívia, uma celibatária convicta, havia me dito antes de iniciar a entrevista, que jamais quiz se casar porque, "sempre tive um gênio muito forte e não queria um homem me dominando, me dizendo o que eu deveria fazer, controlando meus passos. Ah! Com esse gênio eu não toleraria isso. Ela ainda disse, em tom de brincadeira, que "se pudesse, gostaria de ter tido um amante, mas a criação e a educação da gente não permitiu, então fiquei assim".

M.R: D. Olívia, qual o nível sócio-econômico de sua família?

O.C: Minha família era camponesa, mas meus pais vieram da Itália, crianças ainda.

M.R: Então a senhora é descendente de italianos?

O.C: É, eles vieram da Itália e se conheceram aqui, trabalhavam numa fábrica de tecidos. Depois meu pai foi trabalhar em construção civil e minha mãe costurava em casa, prás fábricas.

M.R: Isso era muito comum naquele tempo, né?

O.C: Era. Era muito comum sim; todo mundo trabalhava, porque tinha que trabalhar, precisava, não é? Minha mãe, o irmão dela, a família toda.

M.R: E a profissão da senhora, atualmente?

O.C: Contadora.

M.R: Aposentada, não é?

O.C: É, eu era contadora e lecionei a vida inteira; lecionei muito.

M.R: Qual o grau de escolaridade da senhora?

O.C: Eu formei em contabilidade.

M.R: E o "normal", a senhora chegou a cursar?

O.C: Normal? Não, eu nunca fiz. Depois eu estudei foi, filosofia, estudei política...(pausa).

M.R: D. Olívia, a senhora é militante feminista e militante partidária; o que surgiu primeiro: a militância feminista ou a partidária? Ou ambas nasceram juntas?

O.C: Olha, isso vem assim... de família, sabe? Porque minha mãe e meu pai, eles eram políticos.... quer dizer; não pertenciam a partido político nenhum, mas gostavam de política, não é? Eu fui crescendo naquele ambiente de conversar em política, de presenciar os atos políticos, então eu gostava, fui me acostumando. Quando eu tinha dezesseis anos (já em Uberlândia), meu pai morreu, e eu e minha irmã fomos trabalhar na casa de uma costureira e lá, havia uns rapazes estudantes, que pertenciam à JUVENTUDE COMUNISTA UBERLANDENSE, então eles nos emprestaram uns livros de teoria, de filosofia; O CAPITAL(resumo, não é?); e aí, nos começamos a ler e gostamos demais. Porque a gente estava passando muito sofrimento. Como eu disse, quando meu pai morreu, nós ficamos em 09 irmãs... não foi fácil.

M.R: Uma situação difícil, não é?

O.C: É, uma situação muito difícil. Então nós assimilamos muito bem as modificações sociais que poderiam ocorrer...(pausa).

M.R: Se identificavam também, com o que estava escrito, não?

O.C: É, e nós assimilamos o que podia acontecer no futuro. Os livros "falavam" que era para desaparecer a pobreza, prá ter igualdade de direitos, nivelar as rendas; porque Marx explicava, "que o homem tinha de acabar com a exploração do homem pelo homem", né?

M.R: Certo. Ele também era contra a propriedade privada; esse é um dos "pilares da teoria marxista", não?

O.C: Ah! Sim, pois é. Aí eu fui ficando com aquela idéia assim, e achando que "o caminho certo" era esse. Meu pai morreu em 1930, em 45 veio a guerra. Então a gente presenciava a guerra, via aquele sofrimento da guerra; e eu toda a vida fui contra a guerra, porque eu achava que os dois países em guerra, tinha que "jogar um duelo", e não envolver as pessoas. Não achava certo mandar rapazes jovens, fortes, morrer na guerra, para defender interesses dos governos. É por isso que eu sempre fui contra a guerra, porque eu acho que ela é muito prejudicial para a humanidade.

M.R: Como a senhora mesma disse, a função da guerra é defender jogos de interesse, não é?

O.C: É ué; só é, né? Porque qual é o interesse que um governo tem de jogar um país numa guerra, se não for por causa da dominação capitalista?

M.R: Por motivos políticos também, para expandir as fronteiras, não?

O.C: É, mas a política surge justamente para defender interesse econômicos.

M.R: Em última análise...

O.C: Então. Em 1945, quando terminou a guerra e veio aquela luta pela Assembléia Constituinte, prá ser eleitos deputados, senadores e os partidos políticos com liberdade, aí o partido Comunista veio para a legalidade, então eu entrei para o Partido Comunista.

M.R: Tudo bem, então quando a senhora entrou, ele era legal? Porque depois ele entrou na clandestinidade, não é?

O.C: É. Ele era clandestino antes, depois veio prá legalidade quando terminou a guerra e, em 47 entrou na clandestinidade novamente.

M.R: Certo, e foi Getúlio quem colocou na clandestinidade, não é?

O.C: É, foi Getúlio; porque ele também fêz em 30 aquele expurgo...

M.R: A grande "intentona comunista"?

O.C: Isso.

M.R: E muitas pessoas, mesmo aquelas que tem acesso à leitura, ignoram esse lado de Getúlio, não?

O.C: É, mas Getúlio também teve o lado progressista. É, porque se a gente for olhar a história em 1930, quando Júlio Prestes queria ser... (pausa), tinha a turma dele que era o PSD (Partido Socialista Democrático) e a UDN (União Democrática Nacional); era como se fosse "situação e oposição", e Getúlio Vargas era mais aliado aos industriais, aos progressistas e Júlio Prestes era mais ligado ao campo, ao campo nês, ao latifundiário, que eram forças mais retrógradas, reacionárias. E ele (Getúlio), teve aquele lado bom, que era progressista; ele queria amplitude do comércio com o Brasil. Então em 30, quando Júlio Prestes ganhou, houve o golpe. E Getúlio Vargas, que tinha tirado uma quantidade menor de votos, ficou no poder por causa do golpe que "eles" deram, que foi aquela revolução, né? De 1930. Então depois, quando foi em 37, é que ele colocou o "Estado Novo", porque aí ele se tornou um ditador.

M.R: Pois é, fala-se muito sobre o que Getúlio fêz: criou o Ministério do Trabalho, criou as leis, criou o sindicato, etc. e o que está por "trás disso"? Ele não fêz isso sozinho. Como é que a senhora vê isso? A história não fala, por exemplo, na luta dos trabalhadores.

O.C: Bom, Getúlio não fêz isso sozinho mesmo. Agora, ele era representante de grupos econômicos. Então "eles" trouxeram para o Brasil, as leis trabalhistas; todas as leis trabalhistas foram colocadas naquela época. Mas por outro lado ele perseguia os partidos políticos; principalmente o Partido Comunista. Prendeu muita gente, matou muita gente...

(pausa)

M.R: Exatamente. É isso o que eu critico, esse lado do Getúlio; a senhora entende?

O.C: Você tem que encarar isso aí com frieza, e analisar a história como ela aconteceu; não pode ter paixão.

M.R: A senhora falou uma coisa interessante. Mas a senhora acha que é possível fazer isso, não se envolver? Acho isso meio complicado...

O.C: É possível sim. Ele(o militante), tem que trabalhar em tudo com "sangue frio"; ele não pode se apaixonar e dizer, porque eu sou do PT, vou lutar só pelo PT.

M.R: Ele não pode tomar a defesa do partido, não?

O.C: É, ele tem que ter frieza.

M.R: Voltando ao assunto...

O.C: Quando foi em 45, que acabou a guerra, eu entrei para o PC, como já disse, e aí, lendo os estatutos do Partido, vi que ele era responsável por organizar o povo; foi aí que nós resolvemos organizar as mulheres e os operários. Essas organizações já vinham vindo, já vinham acontecendo e nós procuramos fortificar.

M.R: Só que eram coisas mais esparsas, não eram como vocês fizeram; a Claudinha(Cláudia Guerra) cita na entrevista dela, a "Organização Feminina de Uberlândia", não é?

O.C: É, fomos nós que fundamos essa organização.

M.R: Em 1945?

O.C: Foi, quando acabou a guerra.

M.R: Isso quer dizer, que a militância política e a feminina nasceram praticamente juntas, afinal; não é?

O.C: Foi, em 45, mais ou menos, quase em 46, porque já havia aquela reunião dos partidos, já estava formando ambiente para a organização; aí, nós fundamos a Organização: tinha estatuto, livro de atas...

M.R: É engraçado e surpreendente, pensar que isso possa ter ocorrido aqui há tanto tempo; porque como a senhora sabe, não só Uberlândia, mas todo o estado de Minas é muito conservador, não é?

O.C: Pois é. Mas antes disso, quando eu estava na escola, existiam sim organizações, que tinham grêmios. Eu me lembro de um grêmio na escola, as professoras formavam aquela sociedade, mais de esportes, não é? Então elas faziam trabalhos manuais, bordados, canto, poesias, brincadeiras de salão; isso entre as professoras.

M.R: Quer dizer, eram organizações que se dedicavam mais à recreações, não tinham aquele cunho político?

O.C: É, eram organizações mais recreativas.

M.R: Esse não era o caso da Organização Feminina, não é?

O.C: Ah! Não, agora essa organização foi muito ampla. Naquele tempo, tava tudo muito fácil, tinha acabado a guerra, o povo tava nas ruas, queria era resolver os problemas; parecia até um "formigueiro", tanto homens como mulheres. Tinha organização de tudo quanto era jeito, lutando pelas reivindicações. Então aí, veio as eleições prá deputados, prá senadores, prá prefeito; porque de primeiro, era aquele...ditador, não é? Era aquele elemento escolhido por dedo.

M.R: Era o chamado "cabresto político". Isso era uma coisa muito forte naquele tempo, não é?

O.C: É, era isso mesmo. Mas depois não, porque aí já foi por eleição, e nós tivemos condições de eleger vereadoras. Elegemos a Ilda Ferreira, por exemplo, teve a Dirce Ribeiro, que foi vereadora também. Procurando nos anais da Prefeitura, a gente encontra os nomes das mulheres que foram eleitas naquela época. E nós, da Organização Feminina, fizemos muito trabalho; eu até tenho um relatório aqui dos trabalhos que nós fizemos.

M.R: Então a senhora comenta um pouco sobre as atividades? (Pode ser "por alto", depois eu xeroco)

O.C: Sim, aqui está (mostra o caderno) das minhas atividades naquela época; quer dizer, não foram só minhas, né? Foram da Organização; porque nós trabalhamos no Triângulo também.

M.R: Então não era só em Uberlândia?

O.C: Não; a gente ia a Monte Alegre, Capinópolis, Canápolis, Araguari, Uberaba, Araxá, Campo florido, Frutal, Goiandira e outras cidades.

M.R: Quais eram os objetivos principais da Organização?

O.C: Os objetivos principais eram: defesa da paz, defesa dos nossos minérios (não é "mineiros", viu? Risos), defesa dos direitos da mulher, defesa dos direitos da criança, etc. Nós não lutávamos contra os homens, mas sim contra preconceitos antigos, procurando ganhar direitos iguais ao dos homens e trabalhar "ombro à ombro"; defesa da soberania nacional e pela auto-determinação dos países. Lutávamos também, por mais escolas, mais hospitais, mais creches. Nós fomos as fundadoras de creches aqui em Uberlândia; a 1ª creche fomos nós que fundamos. Agora, essa parte está apagada na sociedade. Eu vejo na televisão "eles" falando que as 1ªs creches foram criadas pela Prefeitura. É, mas isso foi depois (frizando) que nós criamos a 1ª; nós fomos as campeãs, as pioneiras.

M.R: As precursoras, não?

O.C: É, fomos nós.

M.R: E o que mais focês defendiam? Parece que o trabalho de vocês era bem diversificado...

O.C: Era sim. Defendíamos também: criação de feiras livres, armazéns de emergência, lavanderias coletivas, postos de saúde, telefones públicos, melhoria de iluminação nos bairros, melhoria das pontes que ligam os bairros; porque o Saraiva, por exemplo, era um bairro muito mal iluminado, havia o perigo das cobras, dos malandros. Hoje não, está tudo mudado, está uma beleza.

M.R: A gente precisa reconhecer o lado progresso, é claro. E quanto ao aspecto interno D.Olívvia?

O.C: Criamos escolas de corte e costura, arte culinária e fazíamos também, as festas e jogos para os jovens.

M.R: Havia também o lado recreativo, não?

O.C: Ah! Sim; porque naquele tempo não tinha nada, não é? Não era como hoje, que a juventude tem muito mais campo para se divertir.

M.R: No entanto D.Olívvia, tenho a impressão de que hoje em dia, a juventude não luta mais por um ideal, parece estar entediada... falo isso, porque a gente percebe pela fala da senhora, como as coisas eram diferentes naquele tempo, não?

O.C: É porque todos trabalhavam com responsabilidade; tanto a diretoria, como as mulheres participantes das comissões de bairro. Porque, quando começamos a trabalhar, nós fundamos também as comissões dos bairros. Depois então, é que nós fizemos um convite mais amplo para eleger a diretoria, aí compareceram 200 mulheres nessa reunião e aí foi eleita a diretoria; depois é que nós criamos os estatutos, o livro de atas e aí então, as organizações dos bairros ficaram incorporadas à direção, representadas pelas presidentes dos bairros, e tinham as reivindicações relativas a cada bairro, pelas quais lutávamos, todas juntas.

M.R: Obviamente, o trabalho de vocês não se voltava somente para a questão da mulher, dos problemas femininos; vocês se preocupavam com o social, não?

O.C: Era, era com o geral. A questão da paz, por exemplo; nós achávamos que era fundamental a defesa da paz, porque, embora a guerra tivesse terminado, existia fomentação de novas guerras. Então, nós lutávamos pela paz, lutávamos contra a entrega dos nossos minérios, do manganês, do ouro então, era uma luta muito grande. Defendíamos também, o petróleo, e era engraçado que muita gente não sabia o que "o petróleo", e perguntavam: "onde morava esse petróleo, se iam colocar ele na cadeia"; pensavam que fosse um homem. (Risos). Esses movimentos esclareciam muita coisa também. E Então nós dizíamos o que era o petróleo, esclarecíamos a importância dele; que era dele que se fabricava a gasolina, etc.

M.R: Essa questão do petróleo é antiga e séria, porque a gente sabe que sempre existiu muito petróleo no Brasil, mas isso também sempre foi negado, por causa da balança comercial. Coisas do capitalismo, né?

O.C: É. Nós já tínhamos petróleo aqui no tempo de Monteiro Lobato, mas quando ele falava isso acharam ruim. Eles(o governo), tamparam a boca do poço com cimento armado e prenderam Monteiro; porque ele estava falando uma coisa que iria prejudicar os países que vendiam petróleo; o jogo econômico sempre procura prejudicar os países mais fracos. E o que nós sempre dizemos, é que queremos a liberdade, a auto-determinação de cada país, para que possa cuidar das próprias riquezas.

N.B: D. Olívia se mantém fiel aos princípios do comunismo, embora, o Partido Comunista esteja extinto atualmente e, ela tenha recusado filiar-se ao PPS(Partido Progressista Socialista).

M.R: Certo. O imperialismo norte americano, por exemplo, é muito forte atualmente. Os E.U.A destruíram as próprias riquezas e agora querem mandar "no quintal" dos outros, não é?

O.C: E o pior é que eles dominam...(pausa), quando é um governo que favorece isso, eles "batem palmas". Agora, por exemplo, eles estão condenando o Itamar, porque ele está protegendo mais o povo e entrando nas multinacionais; então eles dizem que ele "não presta". Não presta para a classe dominante.

M.R: Porque ele não está agindo conforme os "poderosos" esperam, não está sendo interessante prá eles. Mas mudando de assunto... D.Olívia, por quanto tempo mais ou menos, a organização atuou?

O.C: Uns dois, três anos... porque ela foi fundada em 56, e em 57 eu viajei para a Rússia e fiquei algum tempo por lá, e não sabia o que estava ocorrendo por aqui.

M.R: A senhora viajou a serviço do Partido?

O.C: Sim, foi pelo PCB.

M.R: E o que aconteceu aqui enquanto isso?

O.C: Você sabe, nessas organizações tem sempre um elemento "que puxa o cordão" e os outros acompanham, e eu fazia isso, não é? Quando eu fui embora, as mulheres ficaram...(pausa), bom, não havia aquela disponibilidade, aquela coragem de ficar andando prá cá, prá lá, porque eram donas-de-casa, mães de família; e então elas fecharam a Organização,

M.R: Quanto tempo a senhora ficou na Rússia?

O.C: Dois anos.

M.R: E quando a senhora voltou, a Organização tinha acabado. E o que as mulheres alegaram?

O.C: Eu fui procurar as mulheres, e "cadê a Organização Feminia?" Ti nha acabado. Aí elas me disseram: "Ah! Nós fechamos; estava dando mui to trabalho". Aí eu perguntei: "Como é que fecham uma coisa tão impor tante assim?! Não queriam, não davam conta? Convocassem uma reunião, co locava o problema e elegia-se uma diretoria que quizesse trabalhar. In clusive, a minha irmã foi contra o fechamento da "União".

M.R: D.Olívia, a senhora esteve na Rússia e pode falar alguma coisa ' de lá, porque sempre houve muito mistério em torno da Rússia, aliás, da U.R.S.S; o comunismo cortou o contanto dos países com o mundo, ou, se rá que deveríamos dizer, que era uma ditadura "disfarçada?"

O.C: Não; não foi uma ditadura. Todo regime novo é uma experiência, en tão o socialismo também. Os sistemas de governo no mundo, passaram por várias fases: do comunismo primitivo para o sistema escravista, do feu dalismo até chegar no capitalismo demorou anos e anos...(pausa).

M.R: Na verdade, séculos mesmo, não é?

O.C: É. E o capitalismo gera pelas suas próprias contradições, o "germe" do socialismo.

M.R: Isso de acordo com a teoria marxista, não?

O.C: Não; não é pela teoria dele, é a realidade. Isso não é só a teoria do Marx, ele estudou a realidade e viu isso. Então, o capitalismo pela sua própria natureza, gera o socialismo em "suas entranhas". Hoje por exemplo, está muito mais fácil para o mundo marchar para o socialismo, do que foi há cem anos.

M.R: A senhora acha isso?...

O.C: Eu acho. Aqui no Brasil, por exemplo, chegou-se a um ponto, que não tem mais condições sociais para o capitalismo. Os próprios capitalistas já tem a idéia...(pausa) já sentem a necessidade de uma coisa nova, para eles poderem sobreviver.

M.R: Mas a gente sabe que prá haver socialismo, é preciso muito mais que idéias e "boa vontade", não é D.Olívia? É preciso haver socialização das riquezas, e sinceramente, não vejo muita possibilidade disso acontecer...

O.C: Naturalmente que eles não vão querer tudo acabadinho, pronto. É uma passagem, é um processo; porque, vamos pegar os laboratórios, por exemplo: tem as multinacionais com mais de 40 laboratórios e tem os nacionais também. Esses nacionais são completamente explorados pelas multinacionais. Então é esse combate das multinacionais explorando o Brasil, que vão colocar o país prá frente, não é? Esse combate é um passo para o socialismo. Nós não vamos querer o socialismo hoje, isso não é possível. Mas essa é uma passagem gradual. O melhoramento das condições de trabalho do trabalhador, a participação nos lucros da em

presa, ou da fábrica, a reforma agrária, que é necessário ser feita, e em algumas partes já começou a ser feita. Há poucos dias eu assisti a uma palestra de uma moça, mostrando a quantidade de pessoas já colocadas em suas terras; com a posse delas.

M.R: Tudo isso, é também, o resultado de uma luta muito grande dos trabalhadores, não?

O.C: É, e como eu estava dizendo, é uma passagem gradativa; então nós estamos num período de transição para o socialismo.

M.R: A gente tem de acreditar que sim, não é?

O.C: Mas não é acreditar; é ver. É, porque isso aí, não é uma coisa assim como, "Jesus virá do céu", e a gente tem de acreditar nisso. É a realidade, não pode fugir aos olhos de ninguém, porque ela é necessária ao desenvolvimento do país. Eu tenho feito algumas palestras mostrando assim: "nós pegamos um ovo, e colocamos ele fecundado debaixo de uma galinha. Então esse ovo passa por um processo de germinação; quando chega o momento dele sair da casca, se ele não sair, ele morre. Então ele tem que sair p/poder respirar ar, para poder comer, para ele se desenvolver." O capitalismo chegou a um ponto, que tem "balões de oxigênio", tem uma porção de recursos prá ele se manter, mas chega um ponto, que esse "balão de oxigênio" não funciona mais; então tem que trazer uma coisa nova.

M.R: Então a senhora vê o capitalismo como um "paciente terminal", num "balão de oxigênio agonizando", não é? (Deus abençoe D.Olívia!)

O.C: Não sou eu quem tá falando isso, nem sou em quem pensa assim. Eu leio, entendi e analiso a situação da sociedade e vejo como é que é.

M.R: A senhora sabe por que eu digo isso? É que sou um pouco pessimista, ou cética à respeito disso; mas não vejo os capitalistas muito propensos a isso...

O.C: Mas chega um ponto que eles não condição, porque se o povo não tiver dinheiro, não pode comprar; e se não comprar, não tem mercado consumidor, não é? Pois é, então a "marcha para o socialismo" é uma realidade, não uma utopia.

M.R: Para a senhora é uma questão de tempo?

O.C: É, (mas) não pode ser de uma vez, mas também não pode deixar atrasar muito não, porque o povo revolta. É, o povo começa a ficar com fome, entra em choque com determinados interesses da classe média, que tem vontade de ter seu carro, sua televisão, sua geladeira; porque o que surge na sociedade, no mercado, o povo tem interesse em possuir, né?

M.R: O mínimo de conforto, de dignidade.

O.C: É; porque você veja; uma geladeira, um fogão a gás, não são luxo,

são necessidade. Primeiro era o fogão à lenha, hoje em dia é a gás, mudou. Mas você olha na televisão o preço dos objetos; o salário não corresponde aos preços. Minha irmã tem que montar uma casa aqui, por exemplo, e vai ver uma geladeira, custa quatro "milhão", uma máquina de lavar, quatro "milhão", fogão dois "milhão" prá cima; então, quanto de dinheiro ela precisa prá montar essa casa? Esse é um problema muito sério. Então, é necessário vir o socialismo ou não é? É, porque o salário não acompanha nunca.

M.R: A inflação está sempre acima, não é?

O.C: Não é só a inflação; porque a inflação não é a carestia. Ela provoca a carestia.

M.R: Além disso, existem outros problemas, como a falta de moradia, a fome, o desemprego, etc. o brasileiro não tem nem o básico e, de repente, discutir ecologia com os países do 1º mundo; embora seja também um problema muito importante, torna-se uma disparidade...

O.C: É, mas aí nesse caso seu, vou te dar um exemplo: "a gente tá navegando e o navio tá naufragando; tá entrando água por todo lado. Se em vez de tirar a água, a gente pensar em limpar o navio prá ficar "tudo brilhando", aí a gente vai morrer. Então a ecologia é a principal, porque, se a gente ficar sem oxigênio, se nós ficarmos em água, se nós ficarmos com "essa barulheira doida", nós não vamos poder viver prá lutar por outras coisas. Então que ser paralelo, a luta tem que ser junta. Outro dia, uma mulher me falou isso: Ah! Mas o Brasil tem tanto problema e vai lutar por ecologia?!" Aí eu falei: "gente, mas isso é falta de visão!" A pessoa tem ter visão; o oxigênio nosso não cresce, ele tá é diminuindo. O ozônio, que é o oxigênio mais puro, tá diminuindo cada vez mais. Por que? Porque estamos fazendo carros que soltam fumaça, estamos fazendo tudo quanto é spray prá acabar com o o oxigênio e o ozônio. E aí, nós vamos "brilhar o navio", enquanto ele está "naufragando?"

M.R: Concordo com a senhora D.Olívia; mas às vezes, a gente tem a impressão, de que os governos estão mais preocupados com o meio ambiente, do que com o ser humano, a senhora entende?

O.C: Mas é porque não há planificação; tem que haver planificação, mas com o governo Collor não havia. Ele foi se enfeitar todo "no dia da ecologia"(ECO-92), ele e a D.Rosane, prá se mostrar... então, esse é um governo, que não pode continuar.

M.R: De fato, o Collor não dá nem prá discutir; não é D.Olívia?!

O.C: É, mas ele está perigoso de voltar; a gente tem de se cuidar.

M.R: Tomara que ele não volte, não é?

O.C: É, mas só dizer "tomara que ele não volte" e, não fazer nada para ele não voltar, não resolve. A gente tem que lutar. Agora vem aí um novo governo; uma nova esperança. Outro dia, eu estava até dizendo, que foi uma sorte muito grande ele ter entrado de vice com o Collor.

M.R: Bom, voltando ao assunto da Organização feminina; o que mais vocês faziam?

D.C: Nós fizemos teatro infantil com a distribuição gratuita de doces, canjicadas, brinquedos, roupas, cobertores, materiais escolares, isso nós fazíamos sempre; e ia "era" criança, você precisava ver que beleza. Criamos também, um ambulatório dentário, e médico que atendia o povo, dando consultas e remédio gratuitos, extraía os dentes, desinfetando a boca tão sofrida das pessoas. O ambulatório organizou um fichário de cada pessoas atendida e, constatou na época, fome, alimentação fraca. E agora que a carestia é maior e o salário é menor, é que o povo vai sofrer muito mais. Já está até aparecendo tuberculoso por aí!

M.R: O povo já está sofrendo, não é D.Olívvia?

D.C: É, sempre esteve. Mas agora, parece que é em maior escala; porque o povo não tá se alimentando. Tem que trabalhar, e não tem como repor as energias. Então tem que aparecer um governo, que resolva, de fato, esse problema de carestia de vida. Às vezes, um prefeito perde a eleição e se pergunta: "Por que será?" Mas é porque o problema da carestia é o mais sentido. O povo hoje, gosta de hospital, de escola, de estrada, de tudo. Mas o principal é a carestia; ou seja, a principal para se combater. A mesma coisa é a ecologia, para defender.

M.R: Não é que eu tenha nada contra a defesa da ecologia; afinal; ela está "no meio dos problemas", não é? É que...

D.C: Mas eu disse isso, porque não foi só você que me falou assim não. Todo mundo se preocupa com os outros problemas, mas e a ecologia? É "o navio que está naufragando".

M.R: Tudo bem. Mas está me interessando mais, uma coisa que a senhora já comentou sobre o comunismo. De acordo com a senhora, o comunismo, ao falar só em operário, teria "parado no tempo?"

D.C: Não. Não é que ele parou no tempo. Os elementos que estudam Marx, se colocam diante de teorias e não vêem a evolução; ele segue o livro. O livro ajuda a gente a entender a teoria, mas a gente não pode seguir o livro. Então, foi onde eu disse, que hoje em dia, a gente não pode dizer que o partido comunista é do povo, do trabalhador. Trabalhar isso, porque o partido comunista é do povo, do trabalhador, um médico, um advogado, o bancário, o comerciário, o funcionário público também. O operário não é só o operário; uma costureira é um trabalhador, um médico, esse vai desaparecer, dentro de 30, 40 anos; não terá mais operário, porque a automatização está tomando conta de tudo. Então nós estudamos a teoria de Marx, mas temos que aplicar na realidade, no que está acontecendo; porque tudo evolui. Nós não podemos dizer, que o partido comunista é "o operariado e o camponês", e nós temos que fazer "a aliança dos

dois". Hoje em dia, nem camponês mais existe, porque a automatização está no campo também. Então, por um lado, pode que alguém acredite ainda, mas a maioria já está com a tendência a desaparecer; não é porque a gente quer, acontece. É por causa dos inventos. Cada vez mais, novas máquinas, novas fábricas, tanto que o mundo hoje está numa corrida de reformar suas fábricas, para colocá-las à altura de corresponder a procura; a começar pela necessidade de construção da produção de bens de consumo.

M.R: Que é também, uma necessidade do capitalismo, não é?

O.C: É também, porque a indústria, as máquinas não estão capacitadas para produzir o que a sociedade necessita. Como na construção civil, casas de água, tijolos, telhas, janelas, tudo; as fábricas não estavam correspondendo, então teve que ser remodeladas. A mesma coisa é a roupa. Hoje em dia, a população cresceu, todo mundo quer vestir; então as fábricas tem que ser melhores, mais bem preparadas, para produzir à altura da procura. Aqui no Brasil, ainda tem "a vantagem" (entre aspas), de que o povo não tem o dinheiro para comprar. Mas deixa o povo ter dinheiro para ver, não há fábrica que chegue para produzir o necessário.

M.R: A senhora acha então, que o brasileiro é muito consumista?

O.C: Não é consumista; é a necessidade. Não vamos deixar agora, um homem descalço, sem comida, só porque ele não tem dinheiro para comprar roupa. Ele precisa ter dinheiro para comprar roupa para si e para a família; ele tem que ter dinheiro para comprar o alimento, o arroz com feijão. Então, por tudo isso, a fábrica tem que atender a procura.

M.R: A demanda da população, não é?

O.C: É. Uma casa comercial de material de construção, por exemplo: tava demorando um ano para atender os pedidos que eram feitos, porque não estava tendo produção. Então precisava fazer uma automatização, isso no mundo inteiro; na Rússia, em outros países. No caso da Rússia, estão fazendo assim: deixam uma fábrica produzindo e vão remodelar as outras, porque o povo ia comprar e não estava encontrando nada; as fábricas não estavam dando conta de atender a procura, a demanda, como se diz, não é? É isso, em todo setor. Numa farmácia, por exemplo: você vai procurar um remédio e não tem; por que? Está havendo mais procura; a procura é maior do que o que tem produzido.

M.R: A oferta é menor do que a procura?

O.C: Exatamente. Eles tem que criar fábricas mais modernas, com capacidade de produzir mais. Então, com tudo isso, o que é que acontece? O operário perde o lugar, porque a automatização põe o operário na rua. E isso é uma coisa contínua. Quando a industrialização da Inglaterra surgiu, os operários quebravam máquinas, porque eles estavam ficando sem emprego (o "ludismo").

- M.R: A máquina estava "tomando" o lugar deles, não é?
- O.C: É. E agora, nos nossos dias? Esse é um problema muito sério que a humanidade tem que enfrentar com a maior realidade; saber onde vai colocar todo esse povo, que vai ficar sem emprego, sem salário.
- M.R: Certo. É o caso que se discute atualmente no Brasil, sobre a mecanização das docas. Os estivadores afirmam, que "vai correr sangue" se isso acontecer.
- O.C: É porque eles vão ficar sem trabalho; isso vai ter que ser resolvido.
- M.R: A sociedade tem que "absorver" esses trabalhadores, não é?
- O.C: É. Por isso é que eu acho, que precisa lutar pelo socialismo; para resolver esse e outros problemas que vão surgindo.
- M.R: O socialismo, certamente, não vai acontecer, "de graça"; e cada um deve dar a sua contribuição, não é?
- O.C: É claro; ele não vai "cair do céu". É um processo de desenvolvimento, e todo mundo tem que estar atento. Eu acho que aqui em Uberlândia, apesar de ter evoluído muito politicamente, tem que estudar mais política.
- M.R: Isso não seria o "ranço" do Conservadorismo, que faz com que as pessoas pensem muito corporativamente e, esqueçam do social?
- O.C: É. Porque melhorando uma indústria, a produção aumenta de quantidade e de qualidade, e fica melhor pra todos. E o operário brasileiro, o que é que vão fazer com ele?
- M.R: Gerou um problema social, não é?
- O.C: Um problema sério, que precisa ser estudado. Como? Buscando alternativas, não é? Aí é que os vereadores, os deputados, os senadores tem que aplicar a cabeça pra poder resolver esses problemas. Não é só ir pra lá (Câmara), e resolver "bobeirinhas" não. Eles tem que analisar os problemas gerais. Então, hoje eu estava pensando, que eles trabalham muito.
- M.R: E tem mais é que trabalhar, afinal; eles foram eleitos pra isso, né?
- O.C: É. Inclusive, nas campanhas eleitorais, eles fazem todo o empenho de ganhar. E quando eles estão lá, surgem problemas que eles não esperavam; é onde eles tem que pegar livros, estudar leis, ser o mais honestos possível. Eles tem que ter toda a dedicação no trabalho deles, que é pra poder vencer aquelas dificuldades daquele momento. E não podem esquecer os outros não, porque não é só um problema que surge, não é? Surgem milhares. A gente vê na televisão, tem o problema dos índios, das terras, da seca lá no norte, aquele sofrimento todo. Então, junta tudo "numa hora só"; tem que ser paralelo: tem o problema da ecologia, das escolas, dos fragelados da seca, dos... (como é, esse que ficam na beira dos rios?)

M.R.: Os favelados?

O.C.: Isso, os favelados, que é um problema social sério. Tudo isso tem que ser resolvido, aos poucos, não é de um dia pro outro, não é de uma vez; mas tem que resolver, tem que ter cabeça pra ir resolvendo. Não é só pensar, "ah! eu vou construir a minha Casa da Dinda", toda bonita, toda florida, com cascatas e ainda põe no jornal que não dá conta de pagar a água, porque gasta muito, porque gasta muito...

M.R.: E enquanto isso, os "descamisados" estão se "danando", não é?

O.C.: É, os "descamisados". Mas ele gosta deles, pra aumentar a fama dele, não é?

M.R.: D. Olívia, mas mudando de assunto, como é que a senhora, que nunca se casou, "pra não ter quem te mandasse", vê a posição da mulher, no social?

O.C.: O problema da mulher também é um problema social, que vem se desenvolvendo lentamente. Então eu não vou dizer, que a mulher tem que "encher a boca" e dizer que vai "mandar no marido", nem o marido pode "mandar na mulher"; direitos iguais, o que é mais ativo é o "comandante", claro, mas não mandante.

M.R.: É diferente, não é?

O.C.: É lógico. Mandante e comandante tem diferença. Não pode confundir, a humilhação não é importante. O entendimento sim, esse é necessário. Então a mulher eu acho, deve se colocar, não como um "bibelô" do lar. Hoje em dia, pelas circunstâncias sociais, a mulher trabalha fora. Ela precisa ter uma empregada, porque ela precisa de alguém para ajudar em casa, para poder trabalhar; porque às vezes ela sai até antes da empregada chegar, para estar na repartição pública, nos hospitais, como médica, nas escolas, nas lojas, nas fábricas; em todo lugar. Onde é que não tem mulher hoje em dia? E esse não é um problema que tem que ser analisado? Cadê a Organização das Mulheres?

M.R.: Exatamente, a senhora chegou onde eu queria. A gente vê, que apesar das mudanças, ainda existe muita discriminação em torno da mulher, a senhora não acha?

O.C.: É, esse é um problema muito sério, porque mesmo no lar e em outros lugares, a mulher ainda é muito discriminada. Mas se você pega a Constituição, ela tem trechos muito importantes sobre as reivindicações femininas, mas não pode ser nem atendidas. Se uma mulher está grávida e ela tem que trabalhar na fábrica, por exemplo, o patrão já vê o problema da mulher gestante, que tem que dar quatro meses, de férias e ele tem que pagar aquilo. Depois, a mulher está realizando uma coisa muito importante: ela está dando um ser a sociedade, mas então ele encara isso como um prejuízo.

M.R.: Exato, ele está preocupado apenas com o seu lado, que vai ter que arranjar uma substituta, que vai ser um transtorno, não é?

O.C.: É isso, ele encara como um transtorno. Mas sabe por que? Por - que estamos no Capitalismo. Então a mulher não é uma funcionária, ela é um..(pausa)ela é uma "mercadoria".

M.R.: A senhora acha que isso ainda acontece, por falta das mulheres se organizarem, de lutarem um pouco mais?

O.C.: Não, eu acho que isso traz o entendimento da luta, não é? E tu do o que se consegue é através de conquistas, você não viu as professoras? Tanto homens como mulheres estão na organização professores. Na prefeitura, tem a organização dos funcionários, e tem mulheres. Então, as mulheres não estão desorganizadas. Não existe aqui ainda uma organização de mulheres... (pausa) tem, mas é patronal, não é? Onde estão as mulheres de fábricas, mulheres "descamisada". Estas têm uma boa organização. Mas assim, de um modo geral, tem muita coisa aqui em Uberlândia, que eu tenho ouvido pelo rádio; coisas que a gente nem imaginava que tivesse e tá tendo. Por exemplo: de assistência à pessoa idosa, à criança abandonada; isso é muito importante a gente acompanhar o rádio pelo menos, que é prá gente ficar sabendo o que é que tá acontecendo na sociedade.

M.R.: Tá certo. Não se pode dizer que as mulheres estão paradas, não é?

O.C.: Não, elas estão trabalhando sim. E a gente sabe, por exemplo,

que tem a organização das mulheres que olham as crianças. Porque tem o pré, o jardim-de-infância, depois o período escolar e o menino fica na rua, não é? Então tem aquele ambiente onde a criança pode fazer o "dever-de-casa", aprender outras coisas, de acordo com a idade dela, prá não ficar na rua. Eu acho muito importante as mulheres estarem fazendo isso, não é? Então, ela analisou a sociedade e ela fez.

Eu fique sabendo que existe aqui em Uberlândia, não sei como se chama, uma organização em defesa dessa doença, a AIDS. É um tipo de hospital em que, até os prisioneiros com AIDS vão prá lá, recebem tratamento humano, no fim da vida. Entã issso também eu achei muito importante, não é? Saber que tem pessoas com essa coragem concreta, de fazer uma coisa para dar assistência social necessária.

E mesmo na ação social, a gente vê muita coisa boa que tá surgindo. Então, a humanidade é trabalhadora, a humanidade pensa, faz, realiza, mas tem que "encontrar um caminho", não tem? A gente não pode chegar e querer "tudo pronto"; a gente tem um caminho a percorrer e esse caminho que está sendo percorrido, traz sempre vitórias e cada vitória vai ajudando a criar outros trabalhos.

M.R.: E a sua posição em relação aos homens? A senhora já falou, que a "Organização" nunca lutou contra os homens, mas contra os preconceitos", não é?

O.C.: É, os direitos são iguais e nós lutamos, ombro à ombro, com os homens.

Eu vejo na televisão muitas mulheres falarem mal dos homens; nós nunca lutamos contra os homens, porque, como é que nós vamos lutar contra os homens? Os homens são nossos maridos, nossos irmãos, nossos pais, nossos cunhados e nós sempre vivemos ao lado dos homens. Então como é que nós vamos lutar contra os homens? Nós lutamos contra preconceitos que é outra coisa, não é?

E hoje em dia, já tá havendo uma aceitação maior por parte dos homens, tá havendo essa compreensão prá combater o machis-

mo, de homem achar que vale mais do que mulher. Ninguém vale mais do que ninguém; tudo mundo tem o seu valor. E como é que nós vamos falar que homem vale mais do que mulher, ou melhor vale mais do que homem?

Eu não me considero feminista, porque feminista é aquela que isola a mulher do homem, e eu não sou desse tipo assim. Eu acho que, por causa do problema social, a mulher tem que trabalhar fora e aí então ela começa a ser: lavadeira, costureira, professora; ela é obrigada a trabalhar e ficou "ombro à ombro" com o homem; porque o homem também é obrigado a trabalhar.

Antigamente o homem dizia, que a mulher estava "prejudicando" o salário dele, se trabalhasse fora. Mas ele não pode lavar roupas, o serviço dele é outro. Quer dizer, tem lavanderia que usa homem no serviço de homem, nas tinturarias, nas lavanderias coletivas.

Mas a mulher, parece que "dá melhor" prá isso. A mulher sem cultura, por exemplo, que mais que ela pode fazer além disso? Ela vai ser lavadeira, empregada doméstica, depois, ela vai aprender a costurar, aprender a bordar; ela vai se especializando, não é? Por que hoje em dia, a gente vê a mulher no "batente" mesmo; fazendo "quitanda" pra vender, trabalhando em todo lugar.

Isso tudo, colocou a mulher num lugar muito importante dentro da sociedade, a ponto de já existirem leis, para manter os direitos dela.

M.R.: Nota-se que tudo isso que aconteceu, a libertação da mulher, foi fruto de muita luta, do processo de emancipação das mulheres. A senhora considera que, hoje em dia, a mulher trabalha por necessidade ou por conscientização mesmo?

O.C.: Ambos, porque eu conheço muita mulher rica que trabalha porque ela se sente mais personificada, ela se sente útil. Eu tenho vizinhas aqui, que podiam ser "bibelôs", porque o marido tem dinheiro, paga tudo. Ela então podia ir para a penteadeira se enfeitar, mandar fazer roupas, ir prá casa de jogos, mas não; ela vai para o escritório, ela vai pra loja, ela vai trabalhar,

porque ela se sente com mais personalidade. E isso é bom pra ela.

M.R.: E isso é muito importante, porque enquanto isso, ela está se valorizando, crescendo como pessoa, não?

O.C.: Mas não é? Então ela se coloca, tem o seu "lugar ao sol". Você vê, hoje em dia, a quantidade de moças que estão estudando, porque? Porque elas estão querendo se libertar daquela "prisão" do passado.

Antigamente, ela só ficava em casa, no lar. O povo dizia que era as "fura cuia", porque "eles" não davam valor a serviço de casa.

Hoje não, o homem chega em casa e vai ajudar a mulher a limpar a casa, a arrumar as coisas, a colocar os quadros nas paredes, ele também já participa.

Eu acho, que não é direito só das mulheres, serviço de casa; é direito dos homens também.

M.R.: Certo, quem falou que serviço de casa tem que ser só das mulheres, não é?

O.C.: É. E é tão gostoso, não é? Meu sobrinho, por exemplo, chega em casa e vai para o fogão fazer comida.

M.R.: E nem por isso, deixa de ser menos homem, não é?

O.C.: É, não tá "tirando pedaço", nem nada. Eu costumo dizer que, esse direito gostoso de tomar conta de casa, é do homem também.

Agora, ela (a mulher), não pode ficar só tomando conta de casa. Ela tem que fazer aquele outro serviço em que ela se sente enaltecida.

M.R.: D. Olívia, como militante do partido comunista, alguma vez a senhora se sentiu discriminada por ser mulher?

O.C.: Olha, o machismo é uma coisa que está arraigada, cristalizada nas mentes dos homens e não só; das mulheres também. E a derubada disso leva tempo, não acontece da noite pro dia; de modo que isso aconteceu sim. Às vezes, quando a gente saía as ruas participando de algum movimento, era comum ouvirmos alguém dizer: "que falta do que fazer!"; "bando de desocupadas!"

E não era só homens que diziam não. (risos).

M.R.: O que a senhora pensa sobre a revolução sexual, sobre o comportamento bem liberal, da "moçada" hoje em dia, D. Olívia? (Alguns chegam a exagerar...)

O.C.: A juventude hoje em dia, conquistou um avanço que não pode ser mais parado; uma liberdade que não tem como ser mais tirada. A juventude, a mulher está como que "embriagada" com a liberdade, por isso é que às vezes eles se comportam assim. Mas com o tempo, as coisas vão se "encaixando" e eles vão se acostumar à liberdade sexual. A liberdade sexual é um avanço social.

M.R.: A senhora considera, que o homem tenha mudado interiormente, ou essa mudança é só superficial, só ficou "na casca"?

O.C.: Como eu já disse antes, o machismo é uma coisa que não acabou totalmente; isso leva tempo. Os homens mudaram sim; mas assim mesmo ainda tem muito homem machista. Quer um exemplo? Há uns tempos atrás e mesmo hoje em dia, acontece um fato engraçado: os casais se divorciam e o homem continua a se sentir, "o dono" da mulher; se sente no direito de fazer cobranças, de controlar seus passos!

Então, o desenvolvimento da humanidade traz dentro de si, o desenvolvimento das mulheres, na luta contra a discriminação pelos direitos, não é?

M.R.: Ela tem que participar do social. Mas mudando de assunto; a respeito dos idosos, a senhora falou que os aposentados (principalmente os homens), se sentem meio inúteis. A senhora acha que a sociedade não está preparada para aceitar os idosos? Não tem campo para eles atuarem?

O.C.: Bom, isso aí acontece. Mas também eu acho, que isso deve partir de cada um deles. Na minha família, por exemplo, tá cheio de pessoa idosa, tudo "cabenga branca", e trabalhando; ninguém parou. E ninguém orientou a gente também: olha, você deve continuar trabalhando; a gente trabalha porque gosta.

Então, cada um deve escolher o que gosta: um pode ser escritor, outro pode ser pintor, outro pode trabalhar no jardim e assim por diante.

M.R.: E isso, enquanto tem energia, por que não?

O.C.: É, por que não? Não é? Vai ficar sentado, olhando pro céu, Deus me livre! Ou então ficar assistindo televisão o tempo inteiro, programa da Xuxa?

M.R.: Ainda mais o "Xou da Xuxa", não é, D. Olívia?

O.C.: Mas eu gosto muito do programa dela, porque ela espalha amor, alegria e ele é condenado, por erro. Dizer que o programa dela não tem valor é errado. É um programa muito bom, porque o que ela está fazendo? Tá espalhando amor, alegria, distraindo as crianças, tirando elas dos maus hábitos, eu acho que faz um trabalho muito bom. O que é que ela ensina de ruim?

M.R.: Mas a gente critica (eu sou uma das que criticam) no programa dela, é o fato dela ficar muito no superficial. A senhora não acha?

O.C.: Você critica, porque está "seguindo a onda". Agora, a medida que o tempo vai passando, outras "Xuxas" com programas melhores, vão aparecer na televisão, mas a pioneira foi ela, não foi?

Nesse ponto, a fita acabou. Agradei a D. Olívia pela entrevista:

"Ok! D. Olívia, muito obrigada".

24/12/92

Obs.: Dona Olívia, atualmente, está afastada da militância política e recusou-se a filiar-se ao PPS porque "eles estavam radicalizando muito e eu não gosto de radicalização. Eu acho que as pessoas devem ser valorizadas pelo que são; sejam de direita ou de esquerda".